



SOUZA, Andressa da Rosa*

<https://orcid.org/0009-0004-1639-6297>

MACHADO, Neli Teresinha Galarce**

<https://orcid.org/0000-0003-1209-5353>

MELO, Stella Maria Carvalho de***

<https://orcid.org/0000-0002-6459-902X>

RESUMO: A cidade de Taquari, situada no interior do Rio Grande do Sul, revela em sua paisagem urbana e em sua cultura vestígios notáveis da colonização açoriana, evidenciados nos espaços habitados por seus residentes. Além dos colonos açorianos, estudiosos destacam a presença de grupos indígenas e africanos que se estabeleceram na região. Este estudo visa explorar a história de Taquari por meio das estruturas arquitetônicas e monumentos erguidos na Praça da Matriz, com o intuito de identificar elementos pedagógicos presentes nesses locais que poderiam ser utilizados como recursos potenciais para aprendizagem. A pesquisa se baseia primordialmente no ambiente da Praça da Matriz, localizada no coração da cidade. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa e exploratória. Para aprofundar a análise, foram selecionadas as seguintes estruturas arquitetônicas e monumentos: (1) A Igreja São José de Taquari, construída em 1768 e situada na rua Sete de Setembro; (2) a sede do jornal O Fato Novo, localizada na rua Cônego Cordeiro e erguida na segunda metade do século XIX; (3) uma residência na Rua Oswaldo Aranha, exemplificando o estilo colonial barroco açoriano; e (4) o monumento inaugurado em 2019 em homenagem aos açorianos. Conclui-se que a Praça da Matriz e seu entorno representam espaços de considerável potencial, estabelecendo conexões entre a paisagem urbana e o território vivenciado por diversos grupos humanos ao longo da história local.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial; Taquari; História; Espaços de Aprendizagem.

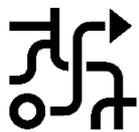
ABSTRACT: The city of Taquari, located in the interior of Rio Grande do Sul, reveals notable vestiges of Azorean colonization in its urban landscape and culture, evident in the spaces inhabited by its residents. In addition to the Azorean settlers, scholars highlight the presence of indigenous and African groups that also settled in the region. This study aims to explore the history of Taquari through the architectural structures and monuments erected in Praça da Matriz, with the goal of identifying pedagogical elements in these locations that could serve as potential learning resources. The research primarily focuses on the environment of Praça da Matriz, situated in the heart of the city. Methodologically, the study adopts a qualitative and exploratory approach. To deepen the analysis, the following architectural structures and monuments were selected: (1) The São José de Taquari Church, built in 1768 and located on Sete de Setembro Street; (2) the headquarters of the newspaper O Fato Novo, located on Cônego Cordeiro Street and erected in the second half of the nineteenth century; (3) a residence on Oswaldo Aranha Street, exemplifying the Azorean Baroque colonial style; and (4) the monument inaugurated in 2019 in homage to the Azoreans. It is concluded that Praça da Matriz and its surroundings represent spaces of considerable potential, establishing connections between the urban landscape and the territory experienced by various human groups throughout local history.

KEYWORDS: Heritage Education; Taquari; History; Learning space.

* Graduada em História. Professora da rede privada de Lajeado/RS.

** Graduada em História. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e do Ensino da Unversidade do Vale do Taquari/RS.

*** Graduada em Turismo. Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí, Teresina/PI.



INTRODUÇÃO

A cidade de Taquari, situada no Estado do Rio Grande do Sul, é profundamente marcada pela colonização açoriana, sendo que a narrativa da chegada dos casais açorianos e seu estabelecimento às margens do Rio Taquari permeia a história tradicional da comunidade local. Contudo, pesquisas arqueológicas na região do Vale do Taquari revelam que a formação das cidades é resultado do contato e da interação entre diversos grupos étnicos, incluindo indígenas e africanos.

Este estudo teve como objetivo compreender a história das estruturas arquitetônicas e dos monumentos da Praça da Matriz em Taquari. Localizada no centro da cidade, a praça é um ponto de encontro frequente para residentes, escolas, instituições bancárias, a igreja matriz e estabelecimentos comerciais. A pesquisa focou na descrição do espaço e da paisagem, explorando como esses elementos influenciam a percepção da comunidade sobre sua própria história. Além disso, foram sugeridos elementos pedagógicos para transformar essas estruturas em potenciais espaços de aprendizado coletivo (SOUZA, 2022)¹.

Monumentos e estruturas arquitetônicas são importantes fontes de estudo, revelando aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos de uma cidade. No entanto, também podem representar apenas uma parte da sociedade. Autores relacionam diretamente os monumentos à memória, incentivando aqueles que os observam a conectar o passado ao presente. Segundo Choay (2001, p.18), esses monumentos selecionam e preservam aspectos vitais da identidade de um grupo, evocando memórias que não se limitam a meras lembranças, mas que trazem à tona elementos significativos do passado rememorado, conforme discutido por Halbwachs (2013).

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, combina a observação sistemática documental com imersões em campo, seguindo a abordagem da História Cultural. Por meio dessa perspectiva, procura-se desvendar as complexas relações cotidianas e sociais manifestadas nos símbolos da paisagem de Taquari. Conforme sugerido por Jacques Le Goff, é essencial ultrapassar os limites da historiografia tradicional, investigando não apenas os registros existentes, mas

¹ Este artigo fundamenta-se no trabalho de conclusão de curso da autora principal, sendo que este foi desenvolvido com rigor para evitar qualquer forma de autoplágio. A inspiração para o estudo surgiu ao longo dos dois anos em que a autora atuou como bolsista no projeto de extensão "Arqueólogo por um Dia" da Universidade do Vale do Taquari.

também suas omissões e lacunas, fazendo um inventário dos "arquivos do silêncio". A base filosófica dessa abordagem considera que a realidade social é culturalmente construída (BARREIROS, 2017). Enquanto a história tradicional privilegiava os feitos de figuras ilustres, relegando a maioria a um papel secundário, a Nova História foca na vida cotidiana e nas experiências das pessoas comuns, promovendo uma visão histórica a partir da perspectiva dos marginalizados (LE GOFF, 2003; FOUCAULT, 2008; 2009; DE CERTEAU, 2010).

Sejam materiais, como monumentos, artefatos e objetos diversos, ou imateriais, como tradições, música e saberes diversos, todas as formas de patrimônio cultural compartilham um elemento essencial: o significado atribuído a elas pelas pessoas. Contudo, o patrimônio não é uma entidade imutável; ele é constituído por diversas camadas de seleção, preservação e construção de vestígios do passado no presente, com um olhar voltado para o futuro. Esse processo envolve a atribuição de sentido por produtores, curadores, educadores e comunidades, frequentemente legitimando identidades. O significado do patrimônio, portanto, é dinâmico, variando ao longo do tempo e entre diferentes lugares. Geralmente, existe uma atribuição de valor a essas relações, mas os aspectos do patrimônio são, e sempre foram, sujeitos à contestação – alguns mais do que outros. Além disso, o patrimônio integra as políticas de identidade promovidas por governos nacionais e locais, o que pode resultar em exclusão e divisão. Assim, o patrimônio local não só preserva a memória e a identidade cultural de uma comunidade, mas também reflete as dinâmicas sociais e políticas em constante mudança (PINTO, 2022).

Este artigo busca desvendar a conexão entre o local de inserção dos sujeitos, seu cotidiano e as narrativas desenvolvidas nesse contexto, com o intuito de compreender a história apresentada por esse grupo específico em relação à idealização do patrimônio cultural. Essas informações estão interligadas, constituindo o tecido do espaço em que os indivíduos estão inseridos, moldando e refletindo suas experiências e identidades coletivas. Ao explorar a interação entre os indivíduos e seu patrimônio local, buscamos entender como essas relações moldam e são moldadas pelo contexto histórico e cultural.

Para aprofundar este estudo, foram selecionadas estruturas arquitetônicas e monumentos edificadas que exemplificam a riqueza histórica e cultural da região de Taquari: (1) a Igreja São José de Taquari, construída em 1768 e localizada na Rua



Sete de Setembro, que representa um importante marco religioso e comunitário; (2) a sede do jornal O Fato Novo, situada na Rua Cônego Cordeiro e erguida na segunda metade do século XIX, que simboliza a evolução da comunicação e o registro histórico local; (3) uma residência na Rua Oswaldo Aranha, que remete ao estilo colonial barroco açoriano, refletindo a influência arquitetônica e cultural dos colonizadores açorianos; e (4) o monumento/estátua em homenagem aos açorianos, inaugurado em 2019, que celebra e perpetua a memória dos primeiros colonizadores e sua contribuição para a identidade cultural local.

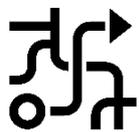
Esses elementos arquitetônicos e monumentos são testemunhos vivos da história e das transformações sociais de Taquari. A Igreja São José de Taquari não apenas serve como um lugar de culto, mas também como um ponto de encontro comunitário que testemunhou diversos eventos históricos e sociais. A sede do jornal O Fato Novo representa o desenvolvimento do jornalismo e da comunicação, essenciais para a construção da identidade e da memória coletiva. A residência na Rua Oswaldo Aranha destaca a preservação de estilos arquitetônicos e a adaptação cultural dos colonizadores açorianos. Por fim, o monumento aos açorianos reafirma o valor da memória e do reconhecimento das influências históricas na formação da identidade local.

Dessa maneira, ao analisar essas estruturas e monumentos, podemos compreender melhor a complexa rede de significados e valores atribuídos ao patrimônio cultural pelos indivíduos e comunidades, e como essas relações contribuem para a construção e preservação da identidade cultural ao longo do tempo.

O POVOAMENTO DO VALE DO TAQUARI

Para melhor compreensão do processo de assentamento humano no território de Taquari, optou-se por uma breve contextualização desde os primeiros habitantes da região: os povos indígenas. A paisagem urbana de Taquari é composta por monumentos e uma arquitetura delineada sob a ótica do colonizador. Contudo, as pesquisas realizadas por historiadores e arqueólogos da região demonstram que o Vale do Taquari, assim como a cidade de Taquari, apresenta um histórico de colonização e assentamentos que antecede a chegada dos europeus.

Taquari está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul e é uma das 36 cidades que formam a região do Vale do Taquari. Situada a cerca de 100



quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre, a cidade foi emancipada em julho de 1849 (KREUTZ, 2009). Taquari é considerada a "cidade mãe" dos 36 municípios que compõem a região do Vale do Taquari.

Para construir uma história de longa duração, é essencial começar com a História Indígena ao explicar a colonização de uma cidade. Portanto, neste estudo iniciamos citando dois pesquisadores que exploram a história das primeiras colonizações humanas na região.

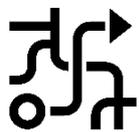
O povoamento do Vale do Taquari ocorreu há 11.000 anos, com a chegada dos indígenas conhecidos na literatura arqueológica como caçadores-coletores. Compreende-se que o processo de povoamento do Vale do Taquari não foi homogêneo no início, “[...] pois grupos de pessoas que tinham em sua economia de subsistência a caça e a coleta migravam de tempos em tempos em busca de locais que oferecessem condições para viver bem” (KREUTZ; MACHADO, 2017, p. 20).

Esses povos manejaram a natureza conforme seus interesses, e com a invasão da colonização europeia, a paisagem e o ambiente sofreram alterações significativas. Os grupos indígenas passaram a ser afetados pelo projeto de colonização não indígena, mas continuaram "existindo" e vivendo nesses espaços. A segunda ocupação humana no Vale do Taquari ocorreu há 2.000 anos, com a chegada dos povos indígenas Guaranis e dos Jê Meridionais. Ambas as etnias se estabeleceram nas áreas de florestas e planícies do território que abrange os rios Forqueta e Taquari (KREUTZ, 2009, p. 30).

Sobre a chegada das comunidades lusas “o Rio Grande do Sul se integrou tardiamente ao restante do Brasil Colonial” (PESAVENTO, 1982, p. 7). No Vale do Taquari essa integração ao território se dá no século XVIII, quando açorianos, alemães e italianos se estabelecem no território. Os açorianos migraram para o Vale do Taquari em um contexto de explosão demográfica e questões ambientais tais como a escassa produção de milho, vulcões e abalos sísmicos (GRAEBIN, 2004).

A chegada dos emigrantes açorianos no Rio Grande do Sul foi acompanhada por muita dificuldade de absorção da realidade ambiental, das condições econômicas e de sobrevivência. As autoridades coloniais, em razão da guerra guaranítica² e do

² A Guerra Guaranítica foi um conflito que ocorreu entre os anos de 1753 e 1756, entre indígenas Guaranis e as tropas militares de Portugal e Espanha. A luta era pelo domínio das terras localizadas às margens do rio Uruguai, território do atual estado do Rio Grande do Sul.



Tratado de Madri, não realizaram a acomodação dos casais açorianos que chegaram no território rio-grandense, e não atenderam às demandas que foram prometidas às famílias, tais como instrumentos, ferramentas e distribuição de terra. A autora explica, ainda, que a intenção da coroa era povoar “[...] desde o Rio São Francisco até o Cerro de São Miguel, bem como as Missões com casais açorianos” (GRAEBIN, 2004, p. 109).

A constituição de Taquari deu-se com a política do governador da Capitania do Rio de Janeiro. Gomes Freire de Andrada tinha como objetivo a ocupação da Bacia do Rio Jacuí. Para isso, no ano de 1750, realizou a doação de Sesmarias no Vale do Taquari a Pedro Lopes Soares, Francisco Xavier de Azambuja e Antônio Brito Leme³ (CHRISTILLINO, 2004, p. 93). Porém, foi no ano de 1760 que iniciou o povoamento e a colonização das terras à margem esquerda do Rio Taquari, sob a orientação do comandante na capitania, Coronel Inácio Elói de Madureira. A fundação de Taquari ocorreu em 1764 com a chegada de 14 casais açorianos, sendo que, em 1770, o território já tinha mais de 60 famílias açorianas (COSTA, SILVA, 1972; SILVA et al., 2017).

A fundação da Vila de São José de Taquari deu-se pela política do Governador da Capitania do Rio Grande do Sul de São Pedro, o Coronel José Custódio de Sá Faria. O povoado de São José de Taquari foi uma construção pensada pela coroa portuguesa a fim de proteger o quartel que existia em Rio Pardo. Com o crescimento da comunidade e das estruturas do território, em 1795 o povoado de São José de Taquari foi elevado à Freguesia de Triunfo (CHRISTILLINO, 2004, p. 90).

A chegada e a instalação dos açorianos em Taquari trouxeram como consequência uma nova mudança na paisagem. Os casais vindos do Arquipélago dos Açores organizaram-se em vilas e estabeleceram suas relações com o espaço, transformando-o para atender a suas demandas.

AS COMUNIDADES NEGRAS E A PAISAGEM TAQUARIENSE

O processo de construção da história de Taquari revela lacunas significativas quanto à chegada e às narrativas dos negros no território. A partir do século XVI,

³ Esses indivíduos eram integrantes da elite local, geralmente fazendeiros com ascendência portuguesa. Frequentemente, ocupavam posições políticas, como vereadores nas câmaras municipais.



peessoas na condição de escravas vindas da África foram trazidas para o Brasil, onde foram submetidas a uma cruel mercantilização, sendo compradas, vendidas e trocadas entre os senhores de terras (PIRES, 2016, p. 57).

A presença dos negros em Taquari remonta às primeiras doações de sesmarias e datas de terra. Esse grupo étnico foi inicialmente introduzido no território para trabalhar nas plantações de trigo e na exploração de madeira, atividades que se mostraram econômica e socialmente lucrativas na região (FRANZ, 2009, p. 30).

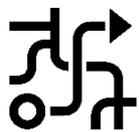
Além das atividades domésticas e agrícolas, os indivíduos escravizados desempenharam papéis cruciais em conflitos armados. Documentos e relatos testemunham sua participação na Guerra Farroupilha e na Guerra do Paraguai, em que muitos buscavam liberdade e direitos por meio do serviço militar (KREUTZ, MACHADO, 2017). Durante esses conflitos, recrutavam-se homens solteiros, incluindo brancos, pardos, índios e pretos libertos, enquanto os brancos podiam se eximir do serviço militar oferecendo um escravo com carta de alforria em seu lugar (FLORES, 2004, p. 49).

A situação adversa enfrentada pelos escravizados, somada às pressões internacionais, culminou na promulgação da Lei Áurea em 1888, que aboliu formalmente a escravidão no Brasil. Apesar da liberdade, muitos recém-libertos permaneceram ligados à produção de tábuas e erva-mate em Taquari, garantindo sua subsistência em um contexto pós-abolição (PIRES, 2016, p. 155).

Nos espaços urbanos, esses grupos desempenhavam diversas funções, desde construção de casas até serviços autônomos, como cozinheiras, lavadeiras e carregadores (COSTA, 2016). Embora a maioria dos negros ocupasse espaços rurais, uma parte significativa circulava pelos centros urbanos, adaptando-se e encontrando novas formas de sustento após a abolição (PIRES, 2016).

OS MONUMENTOS E AS ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS NA PRAÇA MATRIZ, EM TAQUARI/RS

O povoamento ancestral do Vale do Taquari e da cidade de Taquari foi marcado por assentamentos indígenas que moldaram a paisagem antes da chegada da colonização açoriana e da introdução coercitiva do trabalho de africanos escravizados. Contudo, ao contemplar a Praça da Matriz, situada no coração da cidade, entre as ruas Sete de Setembro, Cônego Cordeiro e Osvaldo Aranha, destacam-se



predominantemente estruturas arquitetônicas e monumentos que remetem à presença e colonização açoriana. Estas construções evocam reflexões, proximidades e conexões entre a comunidade que diariamente transita por este espaço (SOUZA, 2022).

Antes do último ciclo de colonização em Taquari, a paisagem que hoje compõe a Praça era percorrida por grupos indígenas que viviam em harmonia com a natureza, guiados por suas crenças e necessidades. Mais tarde, chegaram os açorianos como parte do projeto colonial da Coroa Portuguesa, acompanhados pelos escravizados destinados ao árduo trabalho nas lavouras de trigo. Após conquistarem a liberdade, esses indivíduos circularam pelos centros urbanos, engajando-se em diversas atividades (PIRES, 2016). Embora esses grupos tenham deixado sua marca na paisagem de Taquari, não há vestígios que ecoem sua presença na Praça da Matriz.

Neste contexto, com intuito de caracterizar os monumentos e as estruturas arquitetônicas presentes na Praça da Matriz, em Taquari, tenta-se entender o conceito de monumento e o processo de construção do espaço urbano, objeto deste estudo. O termo monumento é definido como "uma obra comemorativa, uma escultura: arco do triunfo, coluna, troféu, pórtico e entre outras estruturas" (LE GOFF, 2003, p. 95). O autor denomina o monumento como tudo aquilo responsável por rememorar o passado, com o objetivo de recordar uma memória.

Os monumentos e as estruturas arquitetônicas que adornam a Praça da Matriz, em Taquari, são portadores de uma mensagem intencional. Esta mensagem está intrinsecamente ligada à identidade que este grupo, a comunidade e o poder público desejam preservar e celebrar. A questão central reside na representatividade dessas construções e estruturas, e se elas verdadeiramente refletem a diversidade étnica, racial e cultural de Taquari.

A estrutura da Praça Matriz obedece ao projeto urbano pensado em 1767 pela coroa. A cidade de Taquari representa o urbanismo colonial, uma vez que é o único assentamento do sul em que se conhece o projeto urbano inicial (ROCCA, 2009, p. 508). A Praça da Matriz foi um projeto elaborado para a "*Cidade Alta*"⁴. Em sua constituição, foram implementadas em um primeiro momento as construções religiosas e civis ao lado menor da Praça.

⁴Nomenclatura utilizada para referenciar a planta urbana criada para a construção dos arredores da Praça da Matriz.

A Igreja Matriz, conforme o projeto de Manuel Vieira Leão⁵, está localizada ao lado norte e o edifício da primeira câmara, junto com a capela do Império, ao lado sul. Assim que a construção da Igreja foi finalizada, o povoado elevou-se à categoria de paróquia, recebendo de Portugal a imagem de São José. A autora sugere que

[...] o plano inclui o modelo arquitetônico previsto é aplicável em todos os quarteirões: unidades residenciais em fileiras. A sequência de janela-porta-janela equivale a uma unidade e o telhado a quatro águas, com cumeeira paralela à rua, unifica em uma edificação quatro unidades por quadra. Parece que a unidade é uma evocação tipo-morfológica das casas térreas típicas dos Açores (ROCCA, 2009, p. 511).

A disposição e a organização da Praça da Matriz em Taquari assemelham-se aos traçados da arquitetura antiga grega. Historicamente, a praça funcionava como um espaço público multifuncional, no qual diversas atividades cotidianas ocorriam. O gado e os cavalos frequentemente faziam parte desse cenário, quase como elementos permanentes (Figura 1).

Praças são reconhecidas como locais essenciais para o convívio social e o contato com a natureza, desempenhando um papel crucial na formação e coesão da sociedade. Estes espaços são vitais para manifestações culturais, sociais e políticas, como observado por Silva et al. (2011). A Praça da Matriz de Taquari, em particular, serviu como palco para festividades, encontros e atividades comerciais, sendo acessível e propício para uma variedade de funções, desde observar e ser observado até realizar transações comerciais, atividades políticas e simples passeios.

Esta interpretação é reforçada pelas fotografias do início do século XX, que evidenciam a presença de cercados delimitando espaços dentro da praça (ROCCA, 2009).



Figura 1: Imagem do século XX da Praça da Matriz com cercados (Costa e Silva, 1972).

⁵ Engenheiro responsável pela construção da planta urbana de Taquari.

Com o passar dos anos, o quarteirão da Praça da Matriz recebeu outras construções que modificaram sua planta original. A capela do Império, por exemplo, foi demolida em 1970, enquanto a atual sede da prefeitura, um edifício singular, ocupa o lado oeste da praça até os dias atuais (ROCCA, 2009). Taquari destaca-se no Vale do Taquari por preservar em sua estrutura a arquitetura colonial barroca, um testemunho vivo da influência cultural açoriana (SILVA, 2009).

Durante a pesquisa realizada em 2022, nas imediações da Praça da Matriz, percebeu-se que se destacam instituições como o Banco do Brasil, a Prefeitura Municipal, a Igreja de São José, a casa paroquial, a sede do Jornal *O Taquaryense* e diversos estabelecimentos comerciais. A praça está estrategicamente próxima à Lagoa Armênia, um dos principais atrativos turísticos da cidade. Este espaço é frequentado tanto por crianças quanto por adultos, que desfrutam momentos de lazer e interação social.

Além de ser um ponto de encontro, a Praça da Matriz também acolhe eventos culturais significativos, como a Feira do Livro, realizada anualmente na cidade. Em 2022, foi palco da primeira edição da “Festa de Taquari em Portugal”, celebrando a rica cultura dos açorianos que colonizaram o município. Assim, as praças não apenas representam áreas abertas, mas também se tornam espaços nos quais famílias e amigos compartilham momentos especiais, fortalecendo vínculos e cultivando laços comunitários.

As estruturas na praça e suas proximidades seguem o modelo açoriano, destacando-se a Igreja de São José, que remonta à época da chegada dos casais açorianos. A construção da igreja teve início em 1768 (COSTA E SILVA, 1972) e, ao longo dos anos, passou por modificações, mantendo-se fiel aos padrões da cultura açoriana, como demonstrado na Figura 2:



Figura 2: Fachada da Igreja São José de Taquari (Damasceno, 1971).

Desde os primórdios da construção dos assentamentos açorianos no estado do Rio Grande do Sul, a Igreja cumpria um papel importante, sendo considerada o centro do povoamento e dos núcleos urbanos que se formavam aos poucos. Tais centros urbanos, por diversas vezes, desenvolveram-se ao redor de uma igreja ou capela (SILVA, 2009).

O interior da igreja de São José obedece o estilo barroco, com pinturas e esculturas de santos cristãos. O local é aberto ao público para visitação. Na igreja, os traços religiosos incorporados pelos açorianos se fazem presentes até os dias atuais. No mês de março de cada ano, são organizados previamente pela igreja os festejos em comemoração ao dia do padroeiro da cidade de Taquari, São José. Os eventos, como o bingo, a novena e os jantares, são planejados pelos festeiros e finalizam no dia 19 de março, feriado municipal em decorrência ao dia de São José. A Praça da Matriz recebe anualmente a apresentação dos tapetes produzidos por escolas e instituições derivados da data de Corpus Christi.

Próximo à Igreja São José, está disposto na Praça da Matriz o monumento em homenagem aos casais açorianos que se estabeleceram em Taquari no ano de 1760 (Figura 3).



Figura 3: Monumento Casal Açoriano (Prefeitura Municipal de Taquari, 2023).

A inauguração do monumento foi realizada pela Prefeitura Municipal em dezembro de 2019. As esculturas foram construídas com concreto e ferro, tendo 2,3 metros (PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARI, 2023). Nelas observam-se alguns elementos que caracterizam os casais tais como os trajés típicos açorianos. Próximas ao casal são identificadas malas, representando a mudança para as “novas terras”. A estátua que representa uma figura feminina carrega em suas mãos a imagem de São José, o padroeiro da cidade. Tal elemento, provavelmente, simboliza a fé e a

religiosidade cristã trazidas pela colonização e incorporadas no cotidiano dos casais açorianos.

Observa-se que a religiosidade açoriana se faz presente no imaginário Taquariense. Outro aspecto que fortalece esse dado é a repercussão sobre a processo colonizatório como se lê na frase "A partir de agora, desde o centro da cidade, a obra será um símbolo de nossas origens e da colonização de Taquari (PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARI, 2023). Tal monumento ressalta somente um dos componentes étnicos que compõem a formação da cidade, uma vez que a constituição de Taquari dá-se por meio da interação de diferentes etnias.

Ao redor da Praça da Matriz encontram-se estruturas arquitetônicas que, embora não sejam contemporâneas à chegada dos açorianos à cidade, possuem em sua arquitetura o barroco, traço das casas do Arquipélago dos Açores. Uma delas é a casa que está localizada na esquina da rua Osvaldo Aranha e por anos foi um comércio (Figura 4). No ano de 2022, a casa encontrava-se fechada em razão da falta de reparos.



Figura 4: Casa de Arquitetura Barroca (Acervo dos autores, 2022).

Com o passar do tempo, a qualidade de vida dos casais, assim como das construções dos prédios foram se modificando. Neste sentido, passou-se a utilizar uma arquitetura retangular, geralmente com mais de uma entrada e janelas colocadas simetricamente (SILVA, 2009, p. 60).

A última construção a ser descrita localiza-se na rua Cônego Cordeiro, em Taquari, na esquina da Praça da Matriz. O espaço hoje é sede do jornal da cidade *O Fato Novo* (Figura 5). Para tornar-se espaço de trabalho, o prédio precisou de reparos internos, entretanto sua fachada foi mantida.



Figura 5: Fachada do prédio do jornal *O Fato Novo* (Acervo dos autores, 2022).

Os sobrados erguidos exibem umbrais e vergas nas portas, além de peitoris de janelas adornados com grandes peças de pedra meticulosamente trabalhadas, destacando-se na fachada (MACEDO, 1983). Os acabamentos são executados em pedra irregular rebocada. Nas estruturas arquitetônicas selecionadas para análise, embora adotem o estilo colonial barroco, nenhuma delas foi diretamente construída pelos colonizadores açorianos, mas sim por gerações posteriores que sucederam os primeiros colonos em algumas propriedades (SILVA, 2009). A ornamentação das edificações no centro urbano é marcada por detalhes elaborados nas portas, janelas e fachadas.

Localizadas no coração de Taquari, essas construções preservam a arquitetura típica da colonização açoriana, servindo tanto como estabelecimentos comerciais quanto como residências em bom estado de conservação. No entanto, ao observar essas estruturas na paisagem urbana, é notável que a história oficial disseminada pela comunidade e pelo poder público frequentemente negligencia ou minimiza as contribuições significativas de grupos marginalizados para a formação da sociedade taquariense.

Os coletivos e sujeitos que se opõem a essa narrativa dominante desempenham um papel crucial ao destacar as vozes e histórias que foram historicamente marginalizadas. Suas iniciativas visam resgatar e valorizar as perspectivas e contribuições dos povos que não apenas habitaram, mas também moldaram o contexto cultural e social de Taquari ao longo dos séculos. No entanto, observa-se que esses movimentos e representações ainda são predominantemente restritos às manifestações artísticas e festivas.

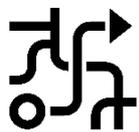
OS 'DITOS E NÃO DITOS' NA PRAÇA DA MATRIZ E O ENTORNO

Sob o prisma da história cultural, a Praça da Matriz emerge como um espaço em que a diversidade cultural e étnica é ausente. Seus monumentos e estruturas arquitetônicas evocam unicamente o legado da colonização açoriana, testemunhando a chegada dos primeiros colonos e refletindo a religiosidade cristã que permeava suas vidas e costumes na nova terra. Contudo, essa representação não abarca a plenitude dos grupos que historicamente ocuparam este território.

Ao investigar por que apenas a colonização açoriana é memorializada na principal praça da cidade, revelam-se reflexões profundas sobre os processos de negação e invisibilidade de grupos étnicos na sociedade e na história. Indígenas e negros frequentemente enfrentaram este tipo de marginalização, lutando para preservar suas culturas diante de tentativas de exclusão social. Enquanto circulam pela paisagem urbana e rural, esses grupos são simultaneamente marginalizados em um contexto político que favorece o branqueamento e exclui suas narrativas históricas.

Mesmo após sua incorporação ao tecido social brasileiro no século XIX, negros e indígenas continuaram a desafiar ativamente as condições desiguais, ocupando diversos nichos da sociedade. A paisagem urbana de Taquari, incluindo a Praça da Matriz, reflete as decisões e políticas de exclusão que visavam apagar os símbolos culturais desses grupos étnicos (ALMEIDA, 2021).

Em suma, ao analisar a Praça da Matriz em Taquari, torna-se evidente que a ausência de símbolos de diferentes grupos étnicos na paisagem não é mero acaso, mas sim um projeto político que remonta à chegada dos açorianos às supostas "terras vazias", à concepção e construção da "cidade alta" e aos discursos contemporâneos promovidos pelas autoridades locais. Tais estruturas envolvem uma aceção simbólica de poder e dominação por parte de grupos específicos da sociedade. Os detentores do poder político e econômico se utilizam dessas estruturas e de ideias para legitimar seu poder e dominação (BOURDIEU, 1989). Sobretudo, a escolha em representar um grupo específico na Praça da Matriz não denota o desaparecimento dos diferentes grupos étnicos na paisagem taquariense, apenas explicita um processo de apagamento e limitação da História e das expressões culturais de indígenas e negros no contexto urbano da cidade.



Observa-se que os espaços sociais presentes no cotidiano da comunidade tornam-se agentes no processo de ensino e aprendizagem. Tais espaços mostram a cultura, a sociabilidade, memórias e histórias de determinados grupos. Ao explorar os "ditos e não ditos" de um ambiente, dinamiza-se o ensino, aproximando a História do sujeito, e problematizando as construções abstratas de temas como identidade, cultura e Patrimônio.

Dialogar acerca da organização de um território, as visibilidades de determinados grupos e a negação de outros, assim como promover programas e projetos que estimulem os estudantes a irem até as ruas, praças, parques etc., auxilia na construção de um ensino plural, pautado na diversidade cultural e na compreensão de um ensino de História para além das elites e do processo de colonização.

Gradualmente são incorporadas, no cenário educacional e no meio acadêmico, discussões acerca dos espaços urbanos como potencializadores de aprendizagem. É correto afirmar que, em ambos os espaços, o ensino pode ocorrer de forma dinâmica. A diferença entre ambos está nas possibilidades que estes apresentam, assim como os ambientes em que são desenvolvidos.

Os espaços formais de ensino tratados como os "territórios" que compreendem a escola e suas dependências definidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) podem apresentar a nomenclatura "espaço formal", utilizada para se referir aos locais institucionalizados dentro do ambiente escolar, tais como a biblioteca, salas de aula e de informática. Para o autor, os espaços considerados não formais estão relacionados a ambientes, a instituições e aos projetos educacionais que se organizam fora do espaço físico da escola (JACOBUCCI, 2008, p. 56).

O objeto de estudo é a Praça da Matriz e tentou-se verificar as possibilidades constituídas com o ensino em espaços não formais. De fato, o espaço da cidade é um local de pesquisa e conhecimento, uma vez que nele estão registrados diversos fragmentos do cotidiano dos grupos que estabeleceram suas ancestralidades. A ideia é pensar estratégias de momentos diversificados e ricos em informação criando uma rotina dialógica, já que o contato com os estudantes no espaço urbano ocorre em vários dias da semana.

A educação em diferentes espaços de aprendizagem capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo. A finalidade é "abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circundam os indivíduos e suas relações sociais" (GOHN, 2006, p. 29).



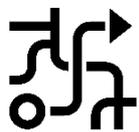
Estabelecer associações entre o ensino da História Regional na sala de aula institucionalizada e as vivências dos estudantes possibilita a sensibilização do olhar acerca dos espaços que compõem seu cotidiano.

A importância de socializar os conceitos desenvolvidos pelos estudantes em diferentes espaços de aprendizagem com os conhecimentos construídos em sala de aula é parte fundamental nesse processo (FREIRE, 2002). Observar e problematizar os espaços em que os estudantes estão inseridos, auxilia-os a compreender questões tais como: quem são, a quais espaços pertencem, quais grupos estão excluídos das narrativas históricas da cidade, e quais são possibilidades de realizar um movimento de inclusão e diálogo acerca dessas indagações.

A cidade, enquanto espaço urbano, pode ser uma ferramenta importante para o ensino em sala de aula. Segundo o autor, “Uma cidade pode ser considerada um espaço que educa, quando além das funções tradicionais [...] ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação da cidadania” (GADOTTI, 2005, p. 6). A Praça Matriz, em seu conjunto, além de ser um espaço de visita e lazer, é potencial de aprendizagem ao dispor de ferramentas que estimulam o diálogo acerca da História da cidade de Taquari. A história apresentada nos monumentos e nas estruturas arquitetônicas tem potencial de ser propulsora de uma análise crítica e, conseqüentemente, de gerar discussões acerca de grupos étnicos que tiveram seus direitos negados e são parte fundamental para a construção da cidadania.

Assim, pensar a Praça da Matriz como fonte histórica e de conhecimento é um movimento que auxilia na compreensão das relações e da realidade. Com ações “do pensar” acerca das estruturas presentes na Praça, produz-se um movimento de refletir sobre quais grupos percorreram o território que hoje ocupamos, quais traços culturais foram incorporados na cultura da comunidade etc. Isso transforma o ensino de História em uma atividade dinâmica e ultrapassa os “muros da escola”. Traz a crítica para o meio da ação, problematizando, por exemplo, a negação desses grupos e da inclusão étnica e racial, uma vez que tal exercício gera debates e explora a história de diferentes grupos.

Isabel Alarcão argumenta que os estudantes são seres aprendentes, ou seja, estão em constante processo de aprendizagem. Para a pensadora, o discente observa o mundo e a si mesmo e com isso faz constatações e busca estabelecer relações entre os objetos e a sua realidade. A pesquisadora menciona que “a aprendizagem é



um modo de gradualmente se ir compreendendo melhor o mundo em que vivemos e sabermos melhor utilizar os nossos recursos para nele agirmos” (ALARCÃO, 2002, p. 27). Por essa razão, a aproximação do conhecimento do mundo que rodeia o aprendiz e dos assuntos que lhe interessam passa a ser ferramenta fundamental para que a aprendizagem faça sentido nas vivências do educando.

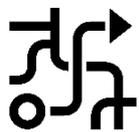
Outra abordagem para a Praça da Matriz como fonte de conhecimento é a construção de projetos a longo prazo, a partir dos quais, em conjunto com as escolas da cidade, possam ser exploradas as potencialidades históricas dos espaços pelo olhar da Educação Patrimonial, abordando os diferentes grupos étnicos presentes em Taquari. Para isso, o processo de formação continuada dos professores deve ser crítico, que desenvolvam habilidades relacionadas ao pensar, às análises e diretrizes legais e aos processos e contextos históricos.

Conscientes desse amparo, sugerem-se algumas práticas pedagógicas que possuem potencial a serem exploradas nas aulas de História, com objetivo de compreender a formação histórica e étnica de Taquari e de suas “*pessoas*”. Citam-se: a elaboração de *folders*; a construção de projetos e programas escolares interdisciplinares e de pesquisa focados na compreensão da cultura e diversidade étnica; e a constituição de material didático, com apoio da Secretaria da Educação, juntamente com os professores de História da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história oficial de Taquari, centrada na chegada e no estabelecimento dos casais açorianos, é apenas uma parte da narrativa completa do território. Estudos recentes revelam a diversidade étnica que influenciou profundamente a paisagem e a cultura local. Esta pesquisa explorou as estruturas arquitetônicas e os monumentos na Praça da Matriz, traçando um panorama histórico de Taquari, destacando a Igreja São José, a sede do jornal *O Fato Novo*, uma residência de estilo colonial barroco açoriano, e o monumento aos açorianos.

A história de Taquari começou com os primeiros assentamentos indígenas há 12 mil anos, seguidos pela colonização açoriana em 1760, como parte da estratégia da coroa portuguesa contra o avanço espanhol. Os negros, trazidos como escravos para as lavouras de trigo, contribuíram significativamente após a abolição, ocupando



espaços urbanos e rurais e sustentando a economia local, com funções como lavadeiras, carregadores e cozinheiras.

Durante pelo menos dois séculos, do XVIII ao XX, indígenas, açorianos e africanos interagiram e influenciaram-se mutuamente em Taquari. A análise das estruturas da Praça da Matriz revela que, exceto a Igreja São José, as demais construções são posteriores aos primeiros açorianos, com escassas referências monumentais aos grupos indígenas e negros que também moldaram a história local.

A paisagem urbana de Taquari é uma construção social e ambiental que reflete não apenas traços culturais e memórias, mas também escolhas políticas e sociais relacionadas aos símbolos de poder. A ausência de representações monumentais desses grupos na Praça da Matriz evidencia uma memória oficial que prioriza os açorianos, negligenciando as contribuições de indígenas e negros para a identidade local.

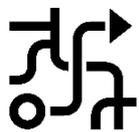
Em relação à Educação Patrimonial, a Praça da Matriz é subutilizada como ferramenta educacional, apesar de seu potencial para promover o ensino interdisciplinar. A utilização desse espaço como local de aprendizagem possibilita uma reflexão crítica sobre os grupos étnicos lembrados e os marginalizados pela comunidade e pelo poder público.

Em síntese, apesar do reconhecimento da diversidade étnica ao longo dos séculos, a historiografia oficial de Taquari tem predominantemente focado a chegada e o estabelecimento dos açorianos, negligenciando as significativas contribuições dos povos indígenas e afrodescendentes. Nesse contexto, movimentos sociais e sujeitos têm desempenhado um papel crucial ao contestar essa narrativa hegemônica, destacando as vozes e histórias historicamente marginalizadas. Suas iniciativas visam resgatar e valorizar as perspectivas e contribuições dos grupos étnicos que, de maneira fundamental, influenciaram e moldaram o panorama cultural e social de Taquari.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. Cortez editora, 2002.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Da invisibilidade étnica à etnogênese: histórias e identidades de índios e negros em abordagem articulada e comparativa. *História (São Paulo)*, v. 40, 2021.



BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da história cultural das práticas de escrita na edição de textos. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 389-414, maio/ago. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DE CERTEAU, Michel. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Unesp, 2001.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. *Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari no período de 1840-1889)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

COSTA E SILVA, Riograndino da. *São José de Taquari: a história de minha terra*. Edições Flama, 1972.

COSTA, Alex A. *Tramas e contendas: escravos, forros e livres constituindo economias e forjando liberdades na Baía de Camamú, 1800-1850*. 2016. 213 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

DAMASCENO, Athos. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha: Traição em porongos e farsa em Poncho Verde*. Porto Alegre: EST, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

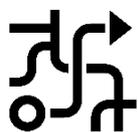
FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANZ, Eloísa. *O negro taquariense: do escravismo ao abolicionismo*. 2014. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 05 jun. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/495>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Sion: Institut International des Droits de 1^o Enfant, p. 1-11, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, v. 14, p. 27-38, 2006.



GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2004, 324 f.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Vida cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminhos. *História geral do Rio Grande do Sul – Colônia*. Passo Fundo: *Méritos*, v. 1, p. 203-223, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Revista em Extensão*, v. 7, n. 1, 2008.

KREUTZ, Marcos Rogério. *Abordagens da história ambiental no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul*. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/496>

KREUTZ, Marcos Rogério. *O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas do Vale do Taquari-RS*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/59>.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. *O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul*. Lajeado/RS: Editora da UNIVATES, 2017.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce; FIEGENBAUM, Jones. Abordagens para o ensino da pré-história regional. *Revista Thema*, v. 15, n. 4, p. 1387-1403, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

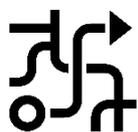
MACEDO, Francisco Riopardense de. Arquitetura luso-brasileira. In: BERTUSSI, P I et al. *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 53-94.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; JOHANN, Marina; SCHNEIDER, Patrícia. História regional do Século XIX – Urbanização e desenvolvimento econômico na Villa de São José de Taquary, Rio Grande do Sul. *Revista de História da UEG*, v. 8, n. 2, p. e821916-e821916, 2019.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia; FIEGENBAUM, Jones; WELP, Marlon. A ocupação Guarani no Vale do Taquari/RS: notas prévias sobre as pesquisas arqueológicas. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 19, n. 24, p. 123-136, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Mercado Aberto, 1982.

PINTO, Helena. A educação patrimonial num mundo em mudança. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 43, e255379, 2022.



PIRES, Karen Daniela. *O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS – final do século XIX*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1601>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARI. Disponível em <https://www.taquari.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acessado em março de 2023.

ROCCA, Luisa Durán. *Açorianos no Rio Grande do Sul: antecedentes e formação do espaço urbano do século XVIII*. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Propur, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Cleidirose. *Cultura açoriana em Taquari e Paverama: costumes e religiosidade preservados ao longo do tempo*. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates: Lajeado, 2009, 150 f.

SILVA, Cleidirose; LAROQUE, Luís Fernando da silva; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Tradições Culturais Açorianas e de seus descendentes na Região Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil. *Revista Destaques Acadêmicos*, v. 9, n. 2, 2017.

SILVA, Guilhermina Castro; LOPES, Wilza Gomes Reis; LOPES, Lopes; João Batista Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. Porto Alegre: *Ambiente Construído*. V.11, n.3, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ac/a/9J46zZXm7WcdjqD3K3SB49B/?lang=pt#>

SOUZA, Andressa. *A praça da matriz de taquari, Rio Grande do Sul – História de uma cidade*. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2022.

Recebido em: 18/08/2023

Aceito em: 14/06/2024